

A HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DE CAMPO BURITI



Centro de Campo Buriti



Vestiário do Campo de Futebol

Campo Buriti, uma comunidade situada a 18 quilômetros de Turmalina (MG), no Vale do Jequitinhonha, surgiu em 1969 com a construção de um campo de futebol, que se tornou um marco de união entre seus moradores. De acordo com Seu Antônio Gomes, um dos primeiros moradores da comunidade, a ideia nasceu da necessidade de um espaço para jogar. O campo foi construído a muitas mãos, promovendo a união dos povos que viviam escondidos em suas grotas e rapidamente se transformou em um ponto de encontro, atraindo mais pessoas para a região.

“Nós morávamos lá embaixo, na grotá, né? E lá não tinha um campo, aí eu vim pra cá, nós subimos o alto, achei uma baixada, comprei o terreno e fizemos o campo. E aí o povo gostou e foi vindo. Formou o futebol, a terra da bola.”, relembra Seu Antônio.

O futebol é mais do que um simples esporte; ele simboliza a coletividade e a colaboração dos moradores. Além disso, a fé desempenha um papel central na vida da comunidade. Dona Faustina Lopes relembra que, antes da construção da igreja, um cruzeiro foi erguido como ponto de reunião espiritual. A tradição de rezar a São Sebastião durante períodos de seca reflete a profunda conexão dos moradores com a terra e suas esperanças.



Campo de futebol

“Naquele tempo, às vezes não chovia em janeiro, aí os agricultores tinham a intenção de todo ano fazer um terço lá no cruzeiro e suplicar para São Sebastião para que a chuva fosse boa e desse muita plantação. Virou uma tradição, é por isso que São Sebastião ficou sendo padroeiro, por causa dessa fé que os mais velhos tinham”, relata Dona Faustina.

A cultura de Campo Buriti também se expressa através de danças e cantigas. A “dança maromba”, que surgiu entre os trabalhadores rurais após um dia de trabalho, foi uma das primeiras formas de celebração. Com o tempo, novas danças apareceram e o grupo Resgate dos Saberes se dedica a preservar essas tradições, ensinando às novas gerações sobre suas raízes folclóricas.



Apresentações culturais do grupo Resgate dos Saberes

Para os moradores, a continuidade da igreja e do futebol é essencial para a vida comunitária. Wlisses Gomes enfatiza que, sem esses elementos, a essência de Campo Buriti poderia acabar. Assim, a comunidade é um exemplo vibrante de como cultura, fé e união podem moldar uma identidade forte e resiliente.

Com o crescimento da população, a comunidade sentiu a necessidade de se organizar, o que levou à criação da Associação Comunitária de Campo Buriti (ACCB). Essa associação buscou resolver questões de interesse comum, incluindo a dificuldade hídrica. Apesar da disponibilidade de água, as mulheres precisavam percorrer longas distâncias para lavar roupas nos córregos e rios das grotas, e a comunidade dependia da água de uma cisterna cedida pelo morador conhecido como Seu Zé da Odília.

Dona Faustina recorda que, posteriormente, a associação conseguiu um convênio com a prefeitura, que trouxe água do rio para a comunidade.

“Foi um projeto que a prefeitura fez, mas enfrentamos muitos problemas. As bombas quebravam com frequência, e, quando a água chegava, vinha quase como barro. Mesmo assim, pelo menos tínhamos água para ferver e usar, pois antes não havia nada”, explica ela.

Mesmo com as dificuldades, a iniciativa representou um passo importante para melhorar as condições de vida em Campo Buriti, mostrando a capacidade de organização dos moradores em busca de soluções para suas necessidades.

Uma das grandes potencialidades de Campo Buriti, além da agricultura familiar, é o artesanato, reconhecido como patrimônio cultural da região. Essa valorização tem contribuído significativamente para reduzir a migração das famílias em busca de oportunidades, ao mesmo tempo em que estimula o turismo local. Cloviana Lopes destaca a importância dessa atividade:

“O artesanato aqui no Buriti é como uma roda que gira. Quem não é artesão se envolve de outras maneiras, como quitandeira ou faxineira, ajudando as artesãs que não têm tempo para essas tarefas. Mesmo quem não trabalha diretamente com o barro pode fazer biscoitos, lavar roupas, limpar casas ou cuidar de crianças. Assim, todos estão envolvidos e o dinheiro circula na comunidade.”



Loja de artesanato em Campo Buriti



Produção de peças artesanais

Essa colaboração mantém a economia local ativa e fortalece a união entre os moradores, criando um ambiente onde cada um contribui para o bem-estar coletivo, reforçando a identidade e a autonomia da comunidade.

Impacto ambiental: desequilíbrios ecológicos e perda de biodiversidade

A história da comunidade sofreu profundas transformações com a chegada do eucalipto na região, a partir da década de 1970, trazendo consigo grandes desafios. O monocultivo do eucalipto resultou na diminuição da biodiversidade local, dificultou o acesso à terra e reduziu a vazão de rios e nascentes que era abundante.

Cloviana Lopes destaca a falta de comunicação e conhecimento na época, o que facilitou a apropriação das terras pelas empresas. A introdução do eucalipto não só impactou o meio ambiente, mas também alterou a mentalidade da população, levando até mesmo agricultores a desmatar para plantar essa espécie. *“Eu acredito que se fosse hoje, a gente teria mais acesso aos meios de comunicação para reunir os grupos de pessoas e não teria acontecido isso, aproveitaram a época que o povo não tinha tanto conhecimento e apropriou as terras facilmente, Reflete Cloviana.*

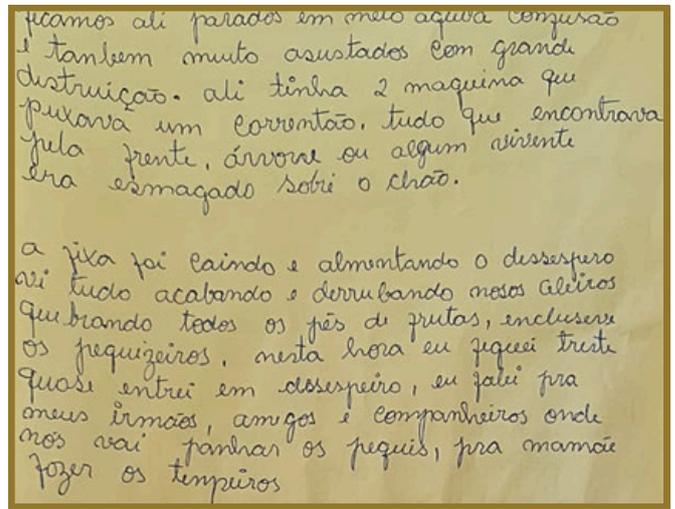
Faustina, por sua vez, menciona a perda da umidade do solo, que agravou a seca e transformou o clima. *“A seca ficou pior, pois a umidade da terra se perdeu. Sempre tivemos sol, mas antes, com as chapadas, o clima era mais fresco. Agora, com essa sequeidão aí com o eucalipto, parece que ele ressecou tudo, ”* lamenta.

Wlisses fala sobre o impacto do uso intensivo de máquinas no meio ambiente: *“Todo ano, mexem com a terra as máquinas rodando pra lá e pra cá. Quando a chuva vem, leva o solo embora e assoreia as nascentes. ”* As lembranças de como era a região antes da monocultura geram tristeza, e Cloviana expressa preocupação com o futuro: *“Aí eu fico pensando, hoje estou com 41 anos e estou vivendo essa fase de agora. Imagina a minha neta quando ela tiver 20, 30 anos. O que ela vai encontrar aqui? ”*

Diante desse cenário, a comunidade se organizou para buscar soluções. Em 2015, foi criada a Rede de Parcerias, uma iniciativa das lideranças da beira do Fanado, em Turmalina, que hoje reúne líderes das comunidades de Veredinha e juntas formam a região Chapada das Veredas. O objetivo é compreender melhor a difícil realidade ambiental que afeta fortemente as populações locais.



Da esquerda para direita: Willisses Gomes, Faustina Lopes, Cloviana Lopes e Antônio Gomes



Trecho do poema de Willisses Gomes

Em 2024, a comunidade realizou a 1ª Semana Chapada das Veredas em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), uma semana de atividades em que foram abordados temas relevantes, como a qualidade da água local, os direitos dos povos tradicionais e oficinas de recuperação de áreas degradadas. O evento também celebrou as tradições regionais com música, dança, artesanato e culinária típica, reunindo a sociedade civil e o poder público em um esforço conjunto.



Lagoa da Dona em 1998



Lagoa da Dona em 2024

Do ponto de vista identitário, a comunidade hoje se autodefine como “groteira-chapadeira” e luta pelo reconhecimento de sua identidade e pela restauração das veredas e fontes de água.

“Queremos ser reconhecidos como comunidade tradicional. Nascemos aqui e queremos viver aqui. Se não está dando para viver, precisamos resolver o que está atrapalhando. Se não tivesse o eucalipto, teríamos fartura de água.” afirma Faustina.

O trabalho conjunto com organizações como o CAV é fundamental nessa luta. Faustina e outros membros da comunidade acreditam que é essencial distanciar os eucaliptos das veredas para permitir a recuperação hídrica. O lema da Semana Chapada das Veredas: “Resgatando nossa história, de mãos dadas para vencer”, reflete a determinação da comunidade. Embora haja esforços e mobilizações em curso, é necessário um apoio político e social mais eficaz para fortalecer essa resistência e construir um futuro sustentável para as próximas gerações.